

José Leon de Machado, guerreiro do tempo e da escrita

Em *O Guerreiro Decapitado*, Leon de Machado metamorfoseia-se na lenda do deus Somastoreico:

"Os velhos contavam que Somastoreico se transformava em pomba para vigiar os campos e as habitações dos homens. Quando os demónios se aproximavam, a pomba reencarnava no corpo forte do deus e então ele, com um cutelo, destruía-os. Daí os símbolos de Somastoreico serem uma pomba e um cutelo. Bórnio, porém, acrescentava à lenda uns tantos pormenores de lavra própria. Dizia que o deus se enamorara de uma mulher muito bonita. Quis tomá-la para si, mas Rebruspro, deus da morte, porque era egoísta, porque não gostava de ver os outros felizes e porque queria a mulher para si, matou-a com um cutelo. Somastoreico chorou imenso sobre o seu corpo. As lágrimas, caindo nas feridas, trouxeram-na à vida transformada em pomba. E agora ele tinha-a sempre junto de si, poisada no ombro. O cutelo com que Rebruspro a matara, usava-o ao cinto para afugentar os demónios enviados pelo deus da morte." (p. 21)

A metamorfose do autor na lenda e o meu olhar de hoje percorrem uma obra de dez anos objectivada em seis títulos: *O Empreiteiro* (1998), *O Guerreiro Decapitado* (1999), *Fluviaais* (2001), *Os Incompatíveis* (2002), *Braços Quebrados* (2003) e *O Construtor de Cidades* (2004). Um percurso narrativo cheio de pedaços de lenda.

"Os velhos contavam que Somastoreico se transformava em pomba para vigiar os campos e as habitações dos homens."

O percurso ficcional encontra velhos contadores de histórias, velhos que não podem desaparecer porque o castro, o de *O Guerreiro Decapitado* e o de agora não pode ficar deserto. Velhos que, em "O Roxo", se reúnem na tasca e inventam as histórias dos possíveis deslizos do prior com a sobrinha e que provocam o espírito do Fanhanha reflectindo sobre o inferno fatal e irreversível com que as mulheres os contemplam em "A Dona Carminda". Velhos que, como o Ti Arlindo, projectam o olhar do futuro neto com aventuras homéricas de rapazes que se deixam ficar pelo caminho da aventura e do amor sem atingir a Ítaca prevista em "Os Tombalobos". Velhos que encantam netos e definem a transgressão de uma outra geração como o avô de "História Assustadora". Mas os contadores de histórias são também mulheres ricas em livros e em olhares como a sogra de *O Construtor de Cidades* e como a Dona Graça que, em "A Biblioteca da Dona

Graça", alia a diversidade da sua biblioteca às suas experiências e dúvidas teológicas. Contando as histórias do seu passado projecta a chama da liberdade no espírito do seminarista e torna-se a companheira de outros dois contadores de histórias de luta e liberdade: o mestre Paulo, restaurador de arte sacra em "Lascas de Cal" e Isaías em *Braços Quebrados*. Mestre Paulo transmite vida e projecta a liberdade criativa como no caso do Cristo do século XVII:

"O Cristo tinha um bigode enorme e retorcido à moda dos galãs barrocos. O pintor, cheio de bom senso, cortou-lhe as pontas e nivelou-o com a barba. Quando os especialistas do Instituto do Património foram buscar a imagem, armaram um escândalo e queriam obrigar o mestre Paulo a repor o bigode. O velho só lhes disse: «Com o tempo talvez volte a crescer..." (pp. 54-55)

Isaías conta os tempos de luta e de sofrimento do povo timorense durante o seu irreversível percurso para a liberdade.

"Somastoreico transformava-se em pomba para vigiar os campos e as habitações dos homens."

Leon vigia os tempos e os espaços dos homens. Vigia, em pinceladas policromáticas, o século XX dos povos nortenhos e fronteiriços com alguns pequenos saltos aos Açores. Transforma-se na pomba que sobrevoa as lutas republicanas, a riqueza do volfrâmio, os tempos duros da tuberculose, as incertezas do Estado Novo nas atitudes da prepotência e da Pide, os caminhos do contrabando e os abraços solidários entre Galegos e Portugueses durante as festas e os namoricos, as recordações da guerra civil espanhola e as agruras da guerra colonial e as noites, as surpresas e as desilusões da emigração clandestina para a França e para o Canadá. A pomba decidiu planar, de um modo mais especial sobre os territórios da Galécia e da Lusitânia durante a romanização em *O Guerreiro Decapitado* e sobre Timor enfrentando os massacres após a invasão indonésia e os terríveis acontecimentos de 1999 que, após o horror do referendo, conduziram à liberdade em *Braços Quebrados*.

"Quando os demónios se aproximavam, a pomba reencarnava no corpo forte do deus e então ele, com um cutelo, destruíu-os. Daí os símbolos de Somastoreico serem uma pomba e um cutelo."

Somastoreico define-se em dois objectos, dois símbolos, duas imagens de uma identidade. Os objectos e as imagens são forças narrativas e são palavras indispensáveis na construção do olhar do narrador. As imagens provocam a acção e a luta dos narradores em *Braços Quebrados* e

O Construtor de Cidades. Veiculadas pela televisão, feitas reportagem e documentário, elas transmitem os horrores sofridos pelo povo timorense e definem as opções de Isaías e, no caos e na surpresa do momento único, durante o ataque às Torres Gémeas, criam, no construtor de cidades, a necessidade da luta contra todos os demolidores. Olhadas pelas personagens ou pelo leitor projectam uma intensa força narrativa e são as palavras específicas de Leon. É a poça de vinho e o espantalho esventrado que esclarecem a bebedeira em "O Roxo"; é a trincha molhada e as cores do quarto imaginário que douram a tuberculose de Augusto em "A bola e o forno"; é a constatação do crime em "A rega" quando:

"O Berrande virou costas e o sangue que salpicara a lâmina do sacho limpou-o a duas flores arrancadas da roseira ao pé do portão." (p. 92)

É a imagem do horror da vingança e da surpresa quando Dona Carminda aparece desenterrada a sangrar do peito e com a cara suja de terra e a imagem do adultério feito espelho ameaçador, em "A Festa de Randim", quando Alípio descobre a profissão do marido da amante:

"A imagem repentina da esposa, lá longe, a oferecer-se a outro, viera-lhe ao espírito como um coice."

É a imagem da morte alcoólica da dona Felicidade em "A Despensa" quando o marido a encontra "rodeada de garrafas vazias, roxa e inchada como um balão." e a imagem do ramo de salgueiro, sólido e seguro que prevê o suicídio do Tosga em "O Ramo de Salgueiro". As imagens cruéis estão ao lado das imagens de amor e carinho nos gestos trocados por Mariana e Carrocho em "A Filha do Coveiro" e as imagens da construção do amor entre Jorge e Lara num espaço natural onde "O pau, ao lado, servia de estrada às formigas que carregavam um resto de semente".

Os objectos, palavras indispensáveis, são as máscaras de Carnaval caídas na incompatibilidade dos casamentos em "A Troca" e as máscaras de demónio orelhudo que escondem raparigas bonitas e misteriosas em "A Máscara da Ninfa". O caixão maior que falta na casa do Adérito é o objeto que confirma o medo do Carlitos em "O Armador"; a imagem de Santa Luzia e a ausência de uns olhos no prato definem o mistério do Carranha em "Lascas de Cal"; as botas de cano alto são os possíveis objectos de desejo de Virgínia em *Os Incompatíveis*; no olhar do Abelha, projecta-se o adultério objectivado em ovos, em "O Aviário" e uma malga branca de pintas vermelhas atinge um estatuto proustiano no percurso pelas imagens, pelos sabores e pelos odores da infância do construtor de cidades.

"Dizia que o deus se enamorara de uma mulher muito bonita".

Ao longo do percurso ficcional, os deuses estão constantemente enamorados de mulheres bonitas. As alegrias, as aventuras, as incertezas, as incompatibilidades e as loucuras do amor percorrem romances e contos. Assistimos ao nascimento e ao crescimento de sentimentos muito fortes entre Horácio e Minda em "O Pasto", entre Mariana e Carrocho em "A Filha do Coveiro", entre Jorge e Lara em "Um beijo com sabor a mato", entre Tino e Flora em "A Professora Nova", entre Pedro e Inês em "A Irmã" e entre Bórnio e Celsídia em *O Guerreiro Decapitado*. Os amores complicados, inacessíveis ou adiados concentram-se nos casais aventureiros de "A Feira de Cupido", nos terrores e exigências de Albertina e Quim em "A mulher que não fazia amor", nos desesperos e desencantos de Paloma e Pasquete em "Paloma", nos arrependimentos de Marília e Bruno em "A velha amizade", nas brincadeiras de D. Xosé, Doña Celeste e Melinha de "O Galego", nas lutas e diálogos entre o Santos e a professora e no imenso amor de entrega e de sacrifício entre Isaías e Lúcia de *Braços Quebrados*. Os amores adúlteros, loucos ou inconsequentes projectam-se entre Alípio e Rosenda de "A Festa de Randim", entre Idalina e Lerdeira de "O Vizinho", entre Barreiras e Person de "A Viúva Rica", e em *Os Incompatíveis*, entre Maria dos Prazeres e Simões, entre Marisa e o instrutor, Ermelinda e o patrão, Armando e Glorinha, Miguel e Regina e entre Cândida e Bárbara.

"Quis tomá-la para si, mas Rebruspro, deus da morte, porque era egoísta, porque não gostava de ver os outros felizes e porque queria a mulher para si, matou-a com um cutelo"

Tal como na lenda de Somastoreico, as narrativas de Leon de Machado sublimam a morte e os medos que ela lança e constroem a força literária de vinganças e crueldades cometidas por homens e por aldeias. A morte percorre os timorenses e os jovens em *Braços Quebrados*. Aparece repentina e dominada pela coragem do Farra em "O Farra". Dominada pela ausência de um amor e pela fatalidade de uma doença projecta o contraste com o brincar de uma criança quando atinge Augusto em "A bola e o forno". Provoca o medo e o preconceito quando é o espaço do cemitério em "A filha do coveiro", quando é desconhecida e incerta com Carlitos de "O Armador" e quando o construtor de cidades reflecte sobre a morte da avó. Constrói uma força literária, um conto, porque é questionada, descrita, analisada e subtilmente recusada em "O Morto", um morto que, com palavras e dúvidas, nos fala do seu internamento, do seu óbito e da sua autópsia.

As crueldades e as vinganças são cometidas por homens e por comunidades. Por homens que, como o Carranha, atropelam e fogem e não aceitam cegueiras divinas em "Lascas de Cal"; por homens que sob a capa de exorcismos e de crenças violam as criaditas impressionadas em "A travessa de Rojões"; por famílias prepotentes que se habitam a desprezar tudo e todos e, representando a Censura de um regime que os sustenta, roubam intimidades e reformas em "Casa de Pus"; por lavradores que, tal como os de Pagnol, por causa da água preciosa, roubam e matam impiedosamente os vizinhos, concretizados em Pardaças e Berrande de "A rega"; por casais desequilibrados que vêem maldade em actos inocentes em "A Dona Carminda"; por maridos violentos que provocam a fuga de mulheres desiludidas mas depois conformadas como a ti Zefa de "A Desaparecida"; por batoteiros impiedosos e sanguinários que não controlam o jogo do destino e acabam vítimas das suas próprias vinganças como o Camóia de "Um baralho na mão errada"; por polícias ambiciosos que, perante a fatalidade do acidente e da perseguição são castigados e odiados como o Pereira de "Erva de Inverno" e por pedófilos insuspeitos, donos de um estatuto e de uma imagem de honestidade repentinamente transformada na imagem provocada pela Teresinha após a violação, em "A Motoreta":

"Na manhã seguinte foram encontrá-lo com uma faca de matos espetada nas costas coberto de sangue seco e uma grande mancha de vómito com cheiro a sarro à volta."

Crimes e crueldades cometidos pelas aldeias que criam mitos à volta de homens e mulheres inocentes, que constroem maldições e que, inconscientemente, provocam toda um desfile de homens sós – e de mulheres como Mirrecas – com corações partidos mas gratos. Homens como o Farra no orgulho da sua equipa, como o Sorna na solidariedade com os garotos, como Júlio e o Parrana, na tristeza da sua invalidez, como o Custódio de *Braços Quebrados*, como o Marrana, na ternura do agradecimento e como o Tosga na relatividade das suas condenações e da sua solidão.

"Somastoreico chorou imenso sobre o seu corpo"

A atitude do deus martirizado pela morte da sua amada é metamorfoseada nos amores trágicos e infelizes projectados pelo autor. São os amores sublimes, intensos e impossíveis pela lei dos homens de Bórnio e Lívia de *O Guerreiro Decapitado* mas são também os amores de Bruno e Leonor cortados numa estrada em *Braços Quebrados* e são os amores amaldiçoados de Mirrecas e de Proença.

"Bórnio, porém, acrescentava à lenda uns tantos pormenores de lavra própria"

"As lágrimas, caindo nas feridas, trouxeram-na à vida transformada em pomba"

Bórnio é o criador das histórias, o construtor de um outro olhar sobre as lendas e sobre os acontecimentos. Transmite outra versão, define a magia do mistério e do símbolo – a pomba – que o acompanha. O cutelo serve para afugentar os demónios do esquecimento, os demónios da insensibilidade. A mulher amada, morta, é transformada pelas lágrimas. Nesta versão, a lenda de Somastoreico torna-se uma história aberta como as histórias continuamente abertas de Leon de Machado. Contos e romances que projectam a abertura e a interrogação. As lágrimas de Somastoreico são as palavras de Leon que transformam tempos e espaços em novas versões e transmitem olhares atentos e múltiplos sobre a vida.

Na obra de Leon de Machado prevalece a versão de Bórnio porque ela encarna o mistério da criação literária. No fim de *O Construtor de Cidades*, o narrador diz:

"E, já agora, vou arrancar as páginas mais comprometedoras do caderno, não vá algum neto futuro encontrá-lo no sótão da casa e cair na tentação de o facultar a algum investigador sem escrúpulos que o publique com notas de rodapé e estudo introdutório. Os dias serão a partir de agora redigidos pelo tempo que, como se sabe, é o escritor mais instável que se conhece."

Não quis hoje ser esse investigador sem escrúpulos. Não ponho notas de rodapé nem tento espalhar a escrita de Leon em teorias ou análises previstas e predeterminadas. Quis apenas transmitir a magia de um outro olhar porque acho que Leon de Machado é o Bórnio que na construção de uma identidade, ao longo destes anos, se transformou no tribuno das legiões do tempo e da palavra.

Esperemos que o percurso deste guerreiro nestas legiões não dure só vinte anos, como em *O Guerreiro Decapitado* mas muitos mais, com mais palavras e mais cidades-livros para construir.

Que ele continue a ser um guerreiro do tempo e da escrita.

Anabela Branco de Oliveira

Chaves, 7 de Maio de 2005